

Nos tempos da diáspora, ruídos na língua, travessias - uma experiência de tradução como dança

In times of diaspora, noises in the language,
crossings - an experience of translation as dance

Susana Carneiro Fuentes
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2022.e87169>

Resumo

A escuta atenta de rumores na língua, rumores no tempo, no processo de tradução/transcrição para a língua inglesa do conto de Cristiane Sobral “Cândido Abdellah Jr.”. Ecos de travessias e diásporas no ato tradutório, em perspectiva intercultural. A tradução como diálogo com as temporalidades diáspóricas que aparecem no ruído entre línguas, no Jetztzeit, o tempo benjaminiano que se faz ouvir. Em conversas de mundos identitários em constante devir. A tarefa do tradutor às voltas com tempos diversos que se chocam, e resíduos - e pregas, na imagem de Benjamin. Homi Bhabha fala do “‘presente’ benjaminiano: aquele momento que explode para fora do continuum da história”. Na tradução intercultural, caminhos de uma escuta atenta para indagações, para que esses ruídos falem e incidam sobre o original em intensidade e desejo de escuta. Ouvir, na tradução, fendas por onde seguir, e no conto de Cristiane Sobral, aberturas falam de um personagem que dialoga com a dor de separações, travessias. No ato de sobrevivência, pensar, com Bhabha, “o tempo do corpo em performance”. O conto e minha tradução foram apresentados na Oficina do SELCS Brazilian Translation Club, uma parceria realizada entre a Universidade de Londres, a Festa Literária das Periferias e o Escritório Modelo de Tradução Ana Cristina Cesar/Uerj.

Palavras-chave: ser negro; temporalidades diáspóricas; tradução intercultural, ruídos do texto

Abstract

The close listening to the noises of language, the noises of time, within the process of translation/transcreation into English of Cristiane Sobral's short story "Cândido Abdellah Jr.". Echoes of crossings and diasporas in the act of translation, from an intercultural perspective. Translation as dialogue with diasporic temporalities that appear in the noise between languages, in the Jetztzeit, the Benjaminian time, what is there to be heard. In conversations of identitary worlds in that constant becoming. The task of the translator circling with diverse times that collide, and with debris and folds, in Benjamin's image. Homi Bhabha speaks of the Benjaminian "‘present’: that moment that explodes out of the continuum of history". In an intercultural translation, to work with attentive listening and inquiries, so that these noises speak and impact the original in intensity and desire to listening. So to perceive, in translation, gaps as clues - and in Cristiane Sobral's short story, openings within the text present a character in dialogue with the pain of crossings and departing. Performing the act of survival, let us think of Homi Bhabha's "time of the body in performance". Sobral's short story and my translation/transcription of it were presented at the SELCS Brazilian Translation Club Workshop, in a partnership between the University of London, Festa Literária das Periferias and Escritório Modelo de Tradução Ana Cristina Cesar/Uerj.

Keywords: being black; identities; diasporic temporalities, intercultural translation, noises of the text.

Para esse estudo, notas sobre aspectos da tradução que me possibilitaram uma leitura – conversa com tempos diversos – na tradução intercultural – temporalidades. Em meu processo de tradução/transcrição para a língua inglesa do conto de Cristiane Sobral “Cândido Abdellah Jr.”, a escuta atenta de rumores na língua, rumores no tempo. Ecos de travessias e diásporas e como eles aparecem no ato tradutório, em perspectiva intercultural. Na relação com o presente. E um devir. Um futuro. E um passado que atua em memória no corpo. Atualizando marcas, forças na tradução como diálogo com as temporalidades diáspóricas que aparecem no ruído entre línguas, no *Jetztzeit*, o tempo benjaminiano que se faz ouvir. Homi Bhabha fala do “‘presente’ benjaminiano: aquele momento que explode para fora do contínuo da história”¹. Na tradução intercultural, caminhos de uma escuta atenta para indagações, estranhamentos sobre o texto original, para que esses ruídos falem e incidam sobre o original em intensidade e desejo de escuta. Em conversas de mundos identitários em constante devir. A tarefa do tradutor às voltas com tempos diversos que se chocam, e resíduos. O conto de Cristiane Sobral e trechos de minha tradução foram apresentados na Oficina do (SELCS) Brazilian Translation Club, encontros realizados pela Universidade de Londres, o Escritório Modelo de Tradução Ana Cristina Cesar/ UERJ e a Flupp, Festa Literária das Periferias.

No conto “Cândido Abdellah Jr.”, de Cristiane Sobral, de seu livro *Amar antes que amanheça* (2021), um menino de três anos que perambulava pelas ruas é trazido para o interior da casa de pais brancos que resolvem adotá-lo informalmente. Assim começa a história de Cândido, narrada em primeira pessoa, pelo menino já crescido. Nessa casa, a que ele retorna adulto, num jogo de pistas e despistes na trama do conto, o quarto era o único lugar de

paz na casa, mas também, onde ele mais apanhou do pai².

No conto, sob a perspectiva do narrador negro, revela-se como era difícil criar referências identitárias numa família que não tinha sido preparada para adotar um menino negro. O título do livro, “Amar antes que amanheça”, traz a ideia de presente, devir, futuro e um passado que precisa ser convocado e intervir no presente. Homi Bhabha escreve que “o trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com ‘o novo’ que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural”³. E aponta a importância de renovar o passado, “refigurando-o como um ‘entre-lugar’ contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O ‘passado-presente’ torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver”⁴.

No conto de Cristiane Sobral, nesse *Cândido* sofrendo no espaço da intimidade o preconceito e dor que se repete há séculos, e mesmo assumindo o comportamento do menino bem comportado que queriam dele, há uma transgressão e uma resposta que interrompe, para pensar com Homi Bhabha, essa atuação do presente. Ouvir, na tradução, fendas por onde seguir, e na história de Cândido isso se dá ao percebermos frestas, aberturas que falam de um personagem que dialoga com a dor de separações, travessias ao longo dos séculos.

A narrativa de Cândido inicia com o menino que é nascido de pai e mãe desconhecidos. Antes de saber de sua adoção, é isso que aprendemos. Sua origem, esse lugar que falta. O corpo de uma história que não nos é dado saber, mas, ao mesmo tempo, o corpo de uma história que conhecemos, apesar das tentativas de apagamentos, de embranquecimentos da história, ela esse lugar nos fala, a travessia da diáspora. Traz, no entanto a língua, as relíquias da cultura de uma ancestralidade que em tempos diversos reúne

2 SOBRAL, Cristiane. *Amar antes que amanheça*, 2021, p.102.

3 BHABHA, Homi. *O local da cultura*, 1998, p. 27.

4 *Idem*.

vestígios.

Ele, Cândido, apesar do nome de candura, alvo, imaculado, é mancha, resto, resquício, corpo que vinga chegar a outra margem. E convoquemos o tempo dessa escuta, como leitores no caminho para o outro, façamos a pergunta, esse menino quantas vezes ouviu seu nome? Ele ao longo dos anos a ouvir candura, alvo, cándido, ele cresce em contornos da palavra de outros que o nomeiam. Mas há algo nele que diz, e opera diferenças e arrisca as próprias palavras. Na construção de identidades, na borda da palavra de esperança e luta.

Não apenas crescer com este nome, mas ouvir continuamente dos pais adotivos a seguinte frase: acolhemos o seu corpo miúdo. Ora, se paramos para ouvir na repetição, essa frase é um peso muito grande para um menino. No tempo da tradução, no tráfego de sons, ruídos, gestos, ficou cada vez mais em evidência que havia no conto frases que se repetem na cabeça de Cândido. Como esta, no primeiro parágrafo: “Os meus pais costumavam dizer que acolheram meu corpo miúdo [...]”⁵. No movimento de tradução, ao buscar a palavra, apareceu o arranhado desse ato, sua passividade, com *receive*. há o sentido de admitir, aceitar.

Nasci em São Paulo, de pai e mãe desconhecidos, fui adotado aos três anos por uma família que amava com bens materiais e discutível bondade. Os meu pais costumavam dizer que acolheram meu corpo miúdo, cheguei em um lar com quatro irmãos, pai e mãe espíritas que faziam o evangelho e depois discutiam até dormir.⁶

E como traduzi, no diálogo e escuta do texto:

I was born in São Paulo, from father and mother unknown, was adopted at the age of three by a family that nourished me with material love and controversial kindness. ‘We received your tiny body’, my parents used to say, so I arrived at a home with four

5

SOBRAL, Cristiane. *Amar antes que amanheça*, 2021, p. 97.

6

Idem.

brothers, spiritist dad and mom that would drag out the Gospel and, then, a fight until falling asleep.

Aqui, busquei *receive* como acolher, no contexto de artigos originais sobre travessias, imigrantes, em língua inglesa, há a passividade, do gesto na palavra, ao mesmo tempo, um ato que se anuncia benfazejo. Assim, “*We received your tiny body, my parents used to say*” e aqui ainda inverti a ordem da frase, para que ela ficasse em evidência, note-se que trouxe para o tempo de escuta do menino, ele ouvindo o dito pelos pais. E esta seria a frase que iria me nortear na tradução, a frase que me conectou no tempo do afeto, da ferida, para que eu pudesse seguir na escuta desse menino, e desse narrador adulto que mais à frente irá nos surpreender, no inquietante jogo de pistas de Cristiane Sobral. Frase que diz acolher e ao mesmo tempo aponta para o abandono. E aponta para o corpo miúdo. Foi importante notar o arranhado dessa frase no texto, esse acolher como um bem que se grita ao próprio menino que recebeu essa acolhida. Esse acolher, um resíduo que a frase me trouxe no movimento de tradução, nesse demorar-se, ver o que resta.

Esse devir da língua, a tradução do mundo em constante devir. Os ruídos da língua. Os rumores na casa. A tarefa do tradutor às voltas com tempos diversos e resíduos e pregas, sem a casca que se encaixa em torno da fruta. Agora cacos, impossibilidades, e lembrar com Benjamin o que sobrevive, esse sobreviver na língua, despedir-se. Na tarefa do tradutor ou “tarefa-renúncia do tradutor”, como no título da tradução do ensaio de Benjamin por Susana Kampff Lages:

a relação do conteúdo com a língua é completamente diversa no original e na tradução. Pois, se no original eles formam uma certa unidade, como a casca com o fruto, na tradução, a língua recobre seu conteúdo em amplas pregas, como um manto real. Pois ela significa uma língua mais elevada do que ela própria é, permanecendo com isso inadequada a seu próprio conteúdo – grandiosa e estranha.⁷

7

BENJAMIN, Walter. “A tarefa-renúncia do tradutor”, 2008, p.73-74.

r e '
t a c
i t
a t u
o u
t r a
s s

E, ainda:

A verdadeira tradução é transparente, não esconde o original, não lhe tapa a luz, mas permite que a língua pura, como que reforçada por seu próprio meio de expressão, incida de forma ainda mais plena sobre o original⁸.

E aí, minha abertura para entrar na corrente do conto. Perceber a dor. Que virá mais adiante no conto, em vários momentos, e o mais pungente, quando ele apanhava em seu quarto. Adulto, o Cândido retorna a casa e não vê a mancha do seu sangue nas paredes: “Procurei vestígios do meu sangue na parede, não havia, claro”⁹.

Podemos pensar as várias camadas de sangue, e o sangue que não está no quarto. E me pergunto se o leitor vê o sangue na parede ou não. E na tradução, nesse movimento de ler na escuta, e nesse pensar intercultural, se fazer perguntas, nesse movimento de escuta, escavação, você encontra o sangue, você trafega num lugar com todos esses ruídos. E ouve. E há um naufrágio. É aí que começamos. Essa possibilidade de escutar o texto no registro dos que não têm casa, uma memória coletiva dos que foram empurrados para as margens.

Há um movimento de mar e ruídos. Naufrágios, esta criança se atualiza. Cândido, esse peso de ter passado por tanto, traz fatos de memórias coletivas, na intimidade da casa, e ele, Cândido se move em relação a todos que lutaram abrindo caminhos para que ele também pudesse respirar agora. No início do conto, Cândido menino perambulava pelas ruas do mercado e termina “acolhido” na casa dos pais brancos, a mesma casa a que ele voltará adulto, o mesmo quarto. E é na noite da casa que somos lançados juntos com Cândido no lugar fronteiriço de seu quarto da infância. De paz e de surras.

8

Ibidem, p.97.

9

SOBRAL, Cristiane. *Amar antes que amanheça*, 2021, p.102.

Mas quando ele é garoto, era dele o sangue, entre quatro paredes, o menino Cândido que apanhava, vulnerável. E é o sangue de outros tempos. E isso se revelou no processo de tradução e nas escolhas. Outras crianças e peles negras quando ele, de volta ao quarto, diz: “Quem fez sangrar também iria sangrar”. Em inglês, se trouxesse “Those who made [me] bleed would also bleed”, precisaria de um complemento, como lemos: who made me bleed. Mas nesse olhar da tradução intercultural, nas temporalidades de travessias e acompanhando de perto essa dor de Cândido como esse sobrevivente que no movimento da tradução se revela um naufrago, fez-se necessário acompanhar sua experiência singular reverberando a dor de outros tempos, a repetição nunca a mesma, e no entanto uma dor coletiva, num coro polifônico de tantas partidas. “Those who had shed blood would also bleed.” Em travessias, em margens e mares diversos, em relação com o que se diz, o que se perde, o que sobra, o que sobrevive, encontros de tempos, sempre em tensão com algo, um diálogo plural. Não apenas “o meu sangue”, mas o sangrar no contínuo da história: “And there I was all prepared, after so long, for the moment of justice and reparation. Those who had shed blood would also bleed.” Lembrando Bakhtin, cada texto é também tudo o que já foi dito sobre ele, e o que trazemos conosco também, desse modo, a máxima do Gênesis dialoga com o interior da casa no conto, entre as frases que ressoam nas paredes: “whoever sheds human blood, by humans shall their blood be shed” .

Assim também, ao traduzir “o ódio e a violência geravam péssimos frutos”, importante na escolha o verbo *to bear*, que se inscreve em referências como a canção *Strange fruit, e assim*: “hatred and violence used to bear very bad fruit.” Intervenções, na conversa com o texto original, pensando também a temporalidade em Mikhail Bakhtin. Esse grande tempo onde se encontram as leituras e tudo o que já foi dito sobre um objeto.

Por esse caminho, riscos que conversam: “A minha família tinha bens, nada de dificuldades financeiras. Nunca enfrentaram isso nem de longe.”

Na tradução/transcrição para a língua inglesa: “My family had wealth, there were no signs of financial distress at all. They had never had to struggle with that, not even by far.” Ora, *to struggle with poverty* vem a fala que reverbera em textos de James Baldwin e palavras de luta, já que “Anyone who has ever struggled with poverty knows how extremely expensive it is to be poor.” Na travessia, vozes reverberam – ruídos na língua / sintonias de vozes em lutas e tempos que se comunicam em rizomas, no sentido da polifonia resgatada por Paul Gilroy em seu Atlântico Negro.

Em outros aspectos que se entrelaçam, importa pensar a oralidade presente na escrita de Cristiane Sobral, o tempo-ritmo da conversa – o instante-ritmo onde está o leitor/ouvinte - “Mas atenção, queridos leitores. Sem precipitação.” - e trazer, na língua inglesa, esse movimento da atenção, do chamamento, no som da palavra que convoca um gesto. Assim, na tradução, um tempo desse gesto, na palavra, no corpo que para a chama à espera: “But please dear readers, beware. No rush.” Ora, as possibilidades da língua inglesa na tradução revelam em sonoridade das palavras também a oralidade e espera, ritmo, gesto desse narrador no texto.

No conto de Cristiane Sobral, Cândido busca por suas identidades e na terapia, no processo de análise, outro espaço se abre, e é o ódio que não mais se esconde, e que aparece no sonho. Cândido em seu desejo de identidades, de se reescrever, e no espaço singular da análise encontramos pistas desse Cândido no coro de vozes. E as ondas devolvem o que está agora nas margens, o corpo da criança, de novo o naufrago. E se revela, ao narrar o sonho, esse Cândido a cada dia “mais perto de si mesmo”¹⁰ (SOBRAL, 2021, p.104) - também esse Cândido coletivo/ e no seu rasgo de solidão/ singular - pode respirar, e todos que vêm com ele, a travessia de séculos, e os apagamentos em sua dor a cada vez esse mancha de sangue na parede. O seu sangue. “Expressar raiva, fúria e ódio, considerando tudo o que você passou,

10

Ibidem, p.104.

mesmo em um sonho ruim, é sinal de que você está cada dia mais perto de si mesmo”¹¹. No conto, histórias são convocados na iteração do corpo em performance.

Cândido já adulto, entra no processo de análise na terapia, lugar onde tudo pode ser dito, e se não teve o tempo do luto, o trabalho do luto, ele vive a revolta da melancolia, mas na terapia as palavras impronunciáveis têm o seu lugar. Suas identidades plurais, sua identidade em devir. Em tempos da tradução, atenta a identidades em relação, num rasgo, saber o se que perdeu, para poder fazer o luto. E encontrar outros que se perderam e perderam - o quê? O que ele também perdeu? E do que ele é sobrevivente? No trauma, algo a ser nomeado, a tradução como escuta desse corpo que dança e vive o luto, do dizer de um corpo rasurado e atualizado em seus tempos. Corpo que se lança, segue, para, escuta, em movimento.

Na tradução são perguntas que aparecem nas relações com temporalidades da diáspora. Mares, famílias que se separaram, terras e línguas que se perderam. E as relíquias, restos, vestígios que chegam às margens, na fronteira. Esse ir até a outra margem como sobrevivência. E nas margens, os restos, o que sobrou ou é devolvido pelas ondas. E o menino que sobrevive. E o menino, os meninos e meninas na diáspora, os que sobreviveram.

No conto, o menino que perambulava solto pelas ruas e é trazido para o interior da casa, e dentro da casa o seu quarto, onde era o espaço de paz mas também onde mais apanhava do pai¹².

No sonho, Cândido tinha as chaves e entra na casa, volta ao quarto, às paredes brancas. O que não há no quarto: não há a mancha de sangue na parede, o seu sangue. Não está o quadro do Bob Marley, essa tinta do quadro também não está. O quarto branco sem cicatriz e sem a pintura, o quadro. E as frases que ouvia desde criança surgem na casa. E ouvimos, com

11

12 SOBRAL, Cristiane. *Amar antes que amanheça*, 2021, p.102.

Cândido o som das frases que reverberam:

Estar novamente dentro da casa, era abrir essa caixa de lembranças. Saí da sala e fui direto para o meu quarto. A casa parecia mal assombrada, o único lugar de paz costumava ser o meu quarto, mas também foi ali onde eu mais apanhei.¹³

Cândido, de Cristiane Sobral, no entre-lugar de seu presente, traz as dores das memórias da diáspora, e as dores de futuros projetados para fora de suas identidades possíveis. O perder-se de seus pais, e também o trauma coletivo das crianças negras que não puderam *ser* filhos, e de cada uma dessas crianças (hoje a cada vez que falamos, mais um nome) e o luto sem escuta na vida social, esse trauma das mães negras impedidas de serem mães de seus filhos e que não puderam viver esse luto, nas formas de uma abolição que abandonou à própria sorte mulheres e homens escravizados, e ao longo dos séculos, condenando repetidamente as crianças negras a uma vulnerabilidade. Repetições nunca a mesma, os tempos diversos de separação. Escavação – e conversas com os tempos-cascas. Os escombros, esses estilhaços e nossos tempos. Se há travessia há margens, lá e cá, e restos e o que chega, o que é como chega, vivo, morto, destroçado, partido. O que deveria ter permanecido oculto mas vem à luz ou volta e é expelido para as margens. E essas ondas ressoam, se repetem, no conto de Cristiane Sobral sons, frases que o menino já grande ouve quando retorna a casa. A importância de ver esses espaços, riscos, cenários, manchas, paredes, apagamentos, rasgos. São espaços-páginas a se pensar a se convocar na tradução.

Ao longo da tradução, a própria palavra em sua borda começou a ressoar nos meus ouvidos, frases ouvidas por Cândido na casa reverberam nas paredes, rumores da casa. E a multiplicidade da palavra reverberando na outra língua me fez querer escutar mais e mais com Cândido o que ele diz em sua narrativa, o que ele conta, a palavras-frases murmuram ou explodem em

13

Idem.

sentença: quem fez sangrar iria também sangrar. E esta encenação, o espaço que se instala, ali pode aparecer a mancha, o sangue na parede, ali se ouvem naufrágios, a encenação da perda, a performance do corpo na viagem. No espaço a parede branca e suas escavações ou camadas - o que se vê ali? O que se ouve?

As crianças desgarradas, casas que murmuram, Cândido marcado por uma solidão, a solidão do menino, a cada vez a memória-cascas do acontecimento.

E também as vozes negras que em sua força-espelho reverberam e levam o menino na travessia. E o espaço entre as singularidades, o tempo no movimento entre um e outro. Também na tradução, no movimento, ruídos, o estranho do gesto. Na fronteira, ali, um resto - um rasgo, um rastro - e algo se fez ouvir.

Um movimento que traz um ritmo – uma dança entre vozes. O corpo de uma oralidade em performance.

Walter Benjamin escreve:

a tradução tem por finalidade dar expressão à relação mais íntima das línguas umas com as outras. Ela própria não tem possibilidades de revelar ou de produzir essa relação oculta; mas pode, isso sim, representá-la levando-a à prática de forma embrionária e intensiva¹⁴.

Na diáspora negra, cruzando o Atlântico, um arrancar a criança da mãe. Um se perder. Isso que se rasga a cada vez. E a solidão do menino. Pensar nessa criança que ouve ao longo dos anos (ele adulto) Conta “meus pais acolheram meu corpo miúdo” Inverti na tradução – ““We received your tiny body”, my parents used to say. Ruídos de minha entrada no texto original, a partir da escuta na língua de língua inglesa. Acolher – we welcome visitors. Mas nas chegadas de sobreviventes, refugiados, nos textos originais onde

¹⁴ BENJAMIN, Walter, A tarefa do tradutor. In: _____. *Linguagem, tradução, literatura (filosofia, teoria e crítica)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p.90.

encontramos esse acolher – um termo se ouve se lê – to receive : marcando um arranhado neste acolher.

Se a tradução, como escreve Benjamin, não significa nada para original, existe entre eles uma “conexão vital”:

ela entra numa conexão íntima com este, devido à sua tradutibilidade. E essa conexão é ainda mais íntima pelo fato de nada significar já para o original. Podemos chamá-la de uma conexão natural, mais exatamente uma conexão vital.¹⁵

E essa conexão, no debate da Oficina com presença de Cristiane Sobral – surge com esta escavação não seria um simples acolher – é um acolher que se mostra. E ali está a tensão do conto – mostrar o bem em vez de agir. E esse personagem em opressões que deve sorrir onde era dor. No conto, ele nomeará o trauma. E na tradução, ouvir naufrágios, ruídos. Tremores para que apareça o trauma. E luto possa ser feito – do que se perdeu.

Do nome Cândido, o estranhamente familiar, o que deveria ter ficado oculto e vem a luz. E esse ódio que vem, na história da personagem, esse Cândido que explode em raiva no sonho. Esse nomear para que apareça o luto. Saber o que se perdeu e daí se possa aparecer o trauma. Um dizer o trauma, e no conto um dizer a nossa sociedade colonial? Na tradução, trazer essas temporalidades da diáspora. Dos traumas coloniais. Na tradução, ouvir. Espaço, tempo, ruídos, silêncios. Ruídos do tempo na travessia, ou no corpo, tremores, na borda derridiana, tremer o corpo, a partir da fala de Luiz Fernando Medeiros de Carvalho no colóquio, no 14º Congresso Alemão de Lusitanistas, Leipzig, na mesa “Aporias e fluxos do tempo e da tradução”, a palavra tremores nomeia a conversa sobre o ritmo, o tempo, essa atenção, presente em diferentes momentos. Ora, na tradução essa espera e escuta. Lembrando o conto de Cristiane Sobral, na tradução: Beware. No rush.

15

BENJAMIN, Walter, A tarefa do tradutor. In: _____. *Linguagem, tradução, literatura (filosofia, teoria e crítica)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018 p.89.

Aí, voltamos à escuta atenta nas temporalidades diáspóricas, nessa tradução intercultural, polifonia nos espaços-entre.

Bleed. Sangrar. Fincou-se a necessidade de uma escuta. E daí nasceu a pergunta. Sobre essa dor. De novo. E dor de quem? De muitos. E também outra fina, insistente camada, ainda: a dor de Cândido de ouvir as frases que ouvia. E no movimento de reler o conto, algo que já causara um estranhamento, na tradução, e nesse sangrar, nessa mancha e seus apagamentos, uma condensação, um ápice de tantos murmurários na casa . E de fato, de na tradução me deparei com várias formas de dizer da presença de algo que fere: a fala cortante que povoou sua infância, as várias frases que naquela casa Cândido ouviu da família, e as mais cortantes, de seu pai. As mais cortantes, o sangue na parede, junto com a surra.

E no universo das frases, esta de repente. Pensei não será mais uma? Das frases que se ouve? Na família cristã, e que agora ele devolve, não é sua, mas se apropria e devolve em nome de sua infância e de todas as outras infâncias, roubadas, de seu sangue, suas identidades, raízes, diásporas? Tantos naufragos e os restos que consegue ver ainda nas margens, o que do lado de lá pode recuperar, em vestígios, fazer falar, com os despojos da travessia.

E essas identidades plurais, nunca fixas. Fronteiras a conversa entre fronteiras. O estranhamento familiar, onde algo se revela que deveria ter permanecido oculto mas vem à luz, e revelam não dentro e fora, em oposições, mas conversas de uma fronteira em movimento.

Referências

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. Edição e Tradução de João Barrento. In: BENJAMIN, Walter. *Linguagem, tradução, literatura (filosofia, teoria e crítica)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 87-100.

BENJAMIN, Walter. A tarefa-renúncia do tradutor. Tradução de Susana

Kampff Lages. In: BRANCO, Lucia Castello. *A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin*: quatro traduções para o português. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008, p.66-81.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FUENTES, Susana Carneiro. FUENTES, S. Travessias: espaços da casa e vidas negras. *Cadernos de Letras*, v. 32, n. 63, p. 127-149, 16 dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/50296> Acesso em 24/04/2022

FREUD, Sigmund. *Luto e Melancolia*. Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

FREUD, Sigmund. O "Estranho". In: FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução de José Octavio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1988. v.17, p.233-73.

SOBRAL, Cristiane. *Amarantes que amanheça*. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

Submissão: 28/03/2022
Aceite: 15/06/2022

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2022.e87169>

*Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.*